

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXXVIII nº 1615 | 01/08/2024

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

INVASÕES DE TERRA

RISCOS SANITÁRIOS, POLÍTICOS E ECONÔMICOS

Há décadas, com mais relevância nos últimos meses, produtores rurais da região Oeste do Paraná convivem com ocupações ilegais de suas propriedades, gerando insegurança jurídica



**NOS DEIXEM
PRODUZIR.**

Aos leitores

Há décadas, os produtores da região Oeste do Paraná convivem com as invasões de propriedades rurais, infelizmente, sem solução definitiva. A insegurança jurídica já tomou conta do setor agropecuário, afinal, mesmo as ações de reintegração de posse obtidas na Justiça não são cumpridas. Como se o Poder Judiciário fosse nulo diante de outros interesses.

Além disso, as invasões têm outros desdobramentos preocupantes em âmbito estadual. A matéria de capa desta edição busca jogar luz sobre esses impactos econômicos, políticos e sanitários para o Paraná. Durante uma semana, o repórter Antonio Senkovski e o fotógrafo William Goldbach estiveram em Guaíra e Terra Roxa, municípios com áreas ocupadas por indígenas, para desvendar os reais prejuízos contabilizados com as invasões.

Conforme relato de produtores e autoridades, a preocupação é enorme diante do cenário atual. A economia da região já está sofrendo com perda da produção agrícola, queda no valor das terras e redução de investimentos. E o problema pode aumentar, a ponto de o Paraná colocar em risco o tão almejado status de área livre de febre aftosa sem vacinação, conquistado há três anos. Tudo isso por conta da omissão dos governos estadual e federal, que tapam os olhos para o setor considerado o motor da economia.

Boa leitura!

Expediente

• FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Ivonir Lodi, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldato, Lisiane Rocha Czech, Ágide Eduardo Perin Meneguette e Nelson Gafuri | **Diretores-Secretários:** Livaldo Gemin e Ivo Pierin Júnior | **Diretor Financeiro:** Paulo José Buso Júnior e Mar Sakashita | **Conselho Fiscal:** Aristeu Kazuyuki Sakamoto, Sebastião Olímpio Santarozza e Walter Ferreira Lima | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, Rodolpho Luiz Werneck Botelho, Eduardo Medeiros Gomes e Cezar Augusto Massaretto Bronzel.

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Rosanne Curi Zarattini (SENAR/AC), Nelson Costa (Ocepar), Darci Piana (Fecomercio) e Alexandre Leal dos Santos (Fetaep) | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza (FAEP), Paulo José Buso Júnior (SENAR/AC) e Carlos Alberto Gabiatto (Fetaep) | **Superintendente:** Carlos Augusto Albuquerque.

• BOLETIM INFORMATIVO

Coordenação de Comunicação Social e Edição: Carlos Guimarães Filho | **Redação e Revisão:** André Amorim, Antonio Carlos Senkovski, Bruna Fioroni e Felipe Anibal | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Fernando Santos, Helio Lacerda e William Goldbach | **Colaboração:** Larissa Rubiane de Assis e Mylena Caroline da Silva | **Contato:** imprensa@faep.com.br

Publicação quinzenal editada pela Coordenação de Comunicação Social do Sistema FAEP/SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial, citando a fonte.

Fotos da Edição 1615:

Fernando Santos, William Goldbach, Divulgação, Arquivo FAEP e Shutterstock.

ÍNDICE

OCUPAÇÃO NO CAMPO

Invasões de propriedades no Oeste do Paraná geram insegurança jurídica e prejuízos econômicos aos produtores, além de ameaçar o status sanitário estadual

PÁG. 4

EDITAL

Sistema FAEP seleciona instrutores para cursos de artesanato sustentável. Prazo termina em 23 de agosto

Pág. 3

BOAS PRÁTICAS

Convivência entre sojicultores e apicultores traz benefícios mútuos e aumenta a produtividade

Pág. 14

APRENDENDO NA PRÁTICA

Alunos do curso “Brigada de incêndio” têm oportunidade de testar conhecimentos em incêndio real

Pág. 18

RANKING DA CAPACITAÇÃO

Novos sindicatos que mais mobilizaram cursos do Sistema FAEP em 2023 contam estratégias adotadas

Pág. 22

NOVA LEGISLAÇÃO

Após pedido do Sistema FAEP, ADA deixa de ser obrigatório para redução do ITR

Pág. 27

OPORTUNIDADE

Sistema FAEP busca instrutor para cursos de artesanato sustentável

Credenciamento é destinado a profissionais de sete formações nesta área. Prazo para se inscrever termina dia 23 de agosto

O Sistema FAEP está com edital aberto para o credenciamento de profissionais para ministrar cursos de artesanato no meio rural. Os instrutores selecionados vão atuar na formação profissional rural na área de artesanato sustentável, incluindo arte floral com palha de milho; trançados e confecção de bonecos com palha, artesanato com taboa e bananeira; artesanato em bambu (níveis básico e avançado) e biojoias artesanais.

Os interessados podem se inscrever até 23 de agosto, no site da entidade (sistemafaep.org.br), na seção Editais. Também é neste endereço eletrônico que serão publicados os resultados do edital em 20 de dezembro.

O perfil desejado para ministrar estes cursos envolve formação técnica profissionalizante em artesanato, graduação em artes plásticas ou visuais, especialização em design de joias ou biojoias e também outras capacitações técnicas, profissionalizantes ou especializações na área do artesanato.

Podem participar do processo empresas do ramo de prestação de serviços, como cursos, treinamentos, palestras, entre outros. Empresas individuais, microempreendedores individuais (MEI), Empresa Individual de Responsabilidade Limitada (Eireli) e cooperativas não poderão participar da seleção.

Após a inscrição, os candidatos que cumprirem os pré-requisitos relativos à documentação passam para fase de seleção, que vai analisar os currículos. A terceira e quarta fases são provas para avaliar questões técnicas e pedagógicas, respectivamente. Na sequência os postulantes passam por uma capacitação técnica e, por fim, por uma avaliação presencial técnico-pedagógica na qual deverão apresentar uma aula demonstrativa.

Atualmente, o Sistema FAEP conta com oito cursos na área de artesanato (veja ao lado), que buscam valorizar o uso dos recursos naturais locais, fortalecer a geração de renda dentro das propriedades e a economia regional sustentável.

Os futuros instrutores vão ministrar os seguintes cursos:

- Arte floral com palha de milho;
- Artesanato com palha (trançados);
- Artesanato com palha (bonecos);
- Artesanato com taboa e bananeira;
- Artesanato em bambu (básico);
- Artesanato em bambu (avançado);
- Biojoias artesanais.

Cursos já oferecidos pelo Sistema FAEP na área de artesanato:

- Arte floral com palha de milho;
- Artesanato com palha (trançados);
- Artesanato com taboa e bananeira;
- Artesanato em argila;
- Artesanato em bambu;
- Artesanato em lã;
- Artesanato em palha de milho - bonecos;
- Construindo em bambu.

Invasões no campo, prejuízo generalizado

Onda de ocupações no Oeste do Paraná provoca insegurança jurídica e coloca em risco a economia da região e o status sanitário do Estado

Por Antonio Senkovski | Fotos William Goldbach

O proprietário rural Jean Paulo Rodolfo Ferreira levou um susto em 7 de julho – em pleno domingo. Ele estava em Adamantina, no interior de São Paulo, onde mora, quando recebeu a informação de que um grupo de 30 pessoas identificadas como indígenas tinha invadido a Fazenda Brilhante, em Terra Roxa, no Oeste do Paraná. A propriedade pertence à família Ferreira há décadas, com a posse e os impostos completamente regularizados. O episódio se converteu imediatamente em um pesadelo para os donos da terra, mas não se trata de um caso isolado. A Fazenda Brilhante é uma das nove propriedades rurais invadidas no Oeste, levando insegurança jurídica aos produtores rurais, prejuízos econômicos à região e riscos para o status sanitário estadual.

A família Ferreira adquiriu a Fazenda Brilhante em 1966, destinando os 260 hectares à criação de gado de corte. A atividade se manteve até 2015, quando o pai de Ferreira faleceu. Desde então, a família arrenda a área a um produtor rural, que passou a cultivar grãos. Com a invasão, os Ferreira se viram acuados, mas esperam por uma solução pacífica.

“Eu vinha na fazenda a cada dois meses, desde a infância. Nunca vimos índios na região. Não havia mesmo”, diz Ferreira. “Receber a notícia da invasão foi chocante. Ver as pessoas invadindo e não poder fazer nada faz você se sentir impotente perante a situação. Nós prezamos pela Justiça, tanto que não apoiamos conflito”, completa.

O produtor rural Jean Ferreira acompanha o aumento do número de barracas (ao fundo na imagem) provenientes da invasão, sem saber quando vai recuperar o controle da própria propriedade

Em meio à tensão, o produtor rural que arrenda as terras adiou o início do plantio. Com o impasse, o proprietário não sabe nem se o arrendatário vai permanecer na fazenda. Além dos prejuízos relacionados à própria produção, a família também vem arcando com custos elevados para manter advogados, na tentativa de retomar a propriedade.

“Fomos atingidos de toda forma: financeiramente, psicologicamente... Nossa família está toda em choque”, resume Ferreira. Ele também detalha a movimentação dos invasores: “Estamos tentando tomar conta do fundo da propriedade, para evitar a entrada de mais gente, mas não é fácil contornar essa situação. Eles já impediram nossa passagem por estrada municipal, atearam fogo em partes da propriedade e atiraram contra meu funcionário”.

O medo se alastra para fazendas vizinhas. Segundo o produtor rural **Wagner Pimenta de Paula**, que se dedica à bovinocultura e à produção de grãos, a onda de invasões na região Oeste provoca reflexos em todo o setor agropecuário. “É um problema de todos, não só de quem teve a terra invadida”, resume Pimenta de Paula, que também já teve problemas com invasores. “Roubaram 17 cabeças de gado e, quando pedi ajuda à PF, disseram que não podiam mexer com índio. Eles chegam destruindo tudo, ateam fogo em reserva. A gente vê isso e se sente de mãos atadas”, lamenta.

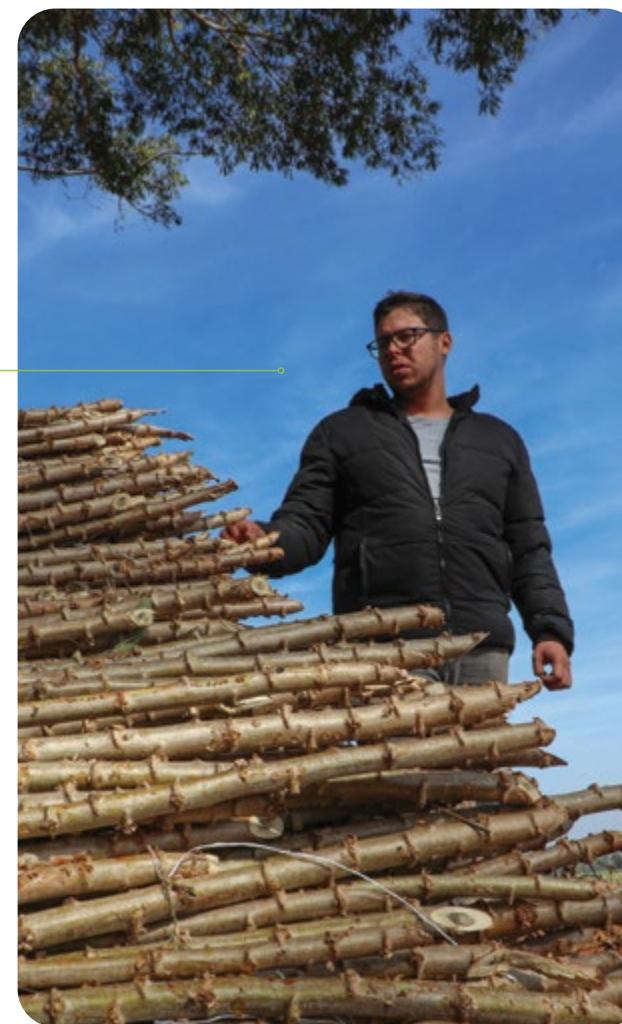
Outro vizinho da Fazenda Brilhante, **Osmar Joaquim Júnior** também se dedica à produção rural: em propriedades que somam mais de 300 hectares, cultiva soja, milho, mandioca e café. Por causa das invasões, no entanto, o agricultor deixou de realizar investimentos e expansões que já tinha planejado. Abandonou o projeto de implantar aviários e tanques de tilápia.

“Desisti da ideia. Como começar um projeto com toda essa incerteza? Não dá para deixar material de construção no pátio porque é certeza que alguém vai mexer. Minha família está aqui desde os anos 1960 e nunca teve índio. Nosso sentimento é de injustiça”, diz.

9



Este é o número de propriedades rurais invadidas no Oeste desde o fim de 2023



Impactos

Levantamento realizado pelo Departamento Técnico e Econômico (DTE) do Sistema FAEP aponta que as áreas invadidas correspondem a 17,9% das áreas agricultáveis de Terra Roxa, 14,4% de Guaíra e 1,9% de Altônia. Somadas, os territórios invadidos respondem por 12,5% das terras destinadas a atividades agropecuárias nos três municípios, sendo seu mais importante pilar econômico.

Em Terra Roxa, por exemplo, a produção de soja e de milho movimentou, respectivamente, R\$ 315 milhões e R\$ 244 milhões em 2023. Também tiveram produção expressiva a avicultura de corte (R\$ 179 milhões) e a piscicultura (R\$ 96 milhões). Em Guaíra, a produção de soja bateu R\$ 211 milhões, seguido por milho (R\$ 172 milhões), ovos de galinha (R\$ 109 milhões) e avicultura de corte (R\$ 9,5 milhões).

O DTE do Sistema FAEP também estima que, se essas terras deixarem de produzir, o prejuízo pode chegar a R\$ 261 milhões. A projeção leva em conta o Valor Bruto de Produção (VPB) Agropecuário de cada município e a dimensão das áreas invadidas em relação às terras agricultáveis. Só em Terra Roxa, se as propriedades invadidas forem retiradas dos produtores, vai se deixar de produzir o equivalente a R\$ 173,2 milhões.

“É uma situação preocupante, pois sabemos da dificuldade diante do cenário. Não podemos compactuar que, em pleno 2024, estejamos passando por uma situação como essa. Ainda mais considerando a importância do setor agropecuário para a economia dos municípios e do Estado”, ressalta o presidente interino da entidade, Ágide Eduardo Meneguette.

Além disso, presidentes de sindicatos rurais dos municípios atingidos apontam que produtores têm manifestado receio em fazer novos investimentos e que chegam a ter dúvidas se vale a pena fazer o plantio da safra atual. Além disso, há relatos de desaquecimento da economia da região, em razão dos incidentes fundiários.

“Tudo está paralisado. Quem vai investir e se instalar em uma região com todos esses problemas e com toda essa insegurança jurídica? Sem contar a desvalorização das áreas rurais, dos loteamentos. Economicamente, parou a cidade”, ressalta Silvanir Rosset, presidente do Sindicato Rural de Guaíra.

“Houve depreciação nos valores dos imóveis rurais e também dos urbanos, por não ter segurança quanto à questão das terras”, reforça o presidente do Sindicato Rural de Terra Roxa, Fernando Volpato Marques. “Qual indústria vai querer estar em um município onde não tem segurança jurídica? Em vez de aumentar a população, a tendência é ter uma regressão, porque ninguém vai querer ficar em uma cidade sem perspectiva de desenvolvimento”, aponta.



“Houve depreciação nos valores dos imóveis rurais e também dos urbanos, por não ter segurança quanto à questão das terras”

Fernando Volpato,
presidente do Sindicato Rural de Terra Roxa

17,9%

Este é o percentual de terras destinadas a atividades agropecuárias em Terra Roxa, que estão invadidas



Pelo direito à propriedade

Confira os principais conflitos motivados por invasões ilegais de terra no Paraná nos últimos dez anos

2014
(julho)

Cinco mil pessoas ligadas ao MST invadem áreas produtivas da fazenda Araupel, em Quedas do Iguaçu, na região Oeste. Esta foi a quarta vez que o MST, que já mantinha assentamentos na região, invadiu áreas da Araupel.

2015
(julho)

Mais de mil integrantes do MST invadem áreas da fazenda Araupel, com 1,4 mil hectares de reflorestamento. Na ocasião, o presidente do Sindicato Rural de Quedas do Iguaçu, Osmar Goin, afirmou que o número de assaltos e roubos havia crescido na região em decorrência das invasões. Na época, o G7, grupo que reúne as principais representantes do setor produtivo no Paraná, do qual o **Sistema FAEP** fazia parte, emitiu nota de repúdio à nova invasão na Araupel.

(agosto)

Cerca de 1,4 mil famílias integrantes do MST invadem a Fazenda Figueira, em Londrina, na região Norte, onde existia um centro de pesquisas da Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (FEALQ), que realizava pesquisa científica voltada ao melhoramento de pastagens, nutrição, sanidade e desenvolvimento genético bovino. Os invasores depredaram as instalações onde havia cinco mil cabeças de gado.

(agosto)

Integrantes do MST invadem a Fazenda Capão do Cipó, em Castro, nos Campos Gerais, utilizada há mais de 30 anos pela Fundação ABC, instituição de pesquisa agropecuária. A propriedade de 700 hectares também abriga o Centro de Treinamento para Pecuáristas (CTP), que há décadas atua em parceria com o **Sistema FAEP** para capacitar produtores e trabalhadores rurais na área de pecuária leiteira.

(setembro)

Produtores e lideranças rurais dos Campos Gerais promovem tratoração contra a invasão da Fazenda Capão do Cipó, em Castro.

2016
(março)

Um grupo de mulheres do MST invade o viveiro de mudas da empresa Araupel, no município de Quedas do Iguaçu, e destrói a instalação. O local abrigava 1,4 milhão de mudas de pinus, eucaliptos e espécies nativas da região. Após o ato de vandalismo, o grupo invadiu duas propriedades rurais vizinhas.

(abril)

Em Brasília, o secretário da Contag, Aristides Veras, incita invasões de terras. Na ocasião, a então presidente Dilma Rousseff confraternizou com os manifestantes do MST. O **Sistema FAEP** divulga nota afirmando que “fazer das invasões um passo para obter vantagens políticas na votação do impeachment é inaceitável e demonstra desespero daqueles que não querem largar as vantagens conseguidas por serem sócios do poder”.

2018
(novembro)

O desembargador federal Cândido Alfredo Leal, atendendo a pedido do **Sistema FAEP**, suspende os procedimentos demarcatórios de terras indígenas nos municípios do Oeste do Paraná. A decisão da Justiça utilizou argumentos apresentados pelo **Sistema FAEP** para embasar sua decisão.

O receio vai além. Marechal Cândido Rondon ainda não registrou invasões, mas os produtores rurais estão tensos, principalmente com a disseminação de informações não comprovadas de que haveria “sítios arqueológicos” localizados em propriedades locais. “Ao longo nos últimos anos, nós consideramos remota a possibilidade de invasões no município. Hoje, é possível que isso ocorra, aqui e em qualquer lugar na região Oeste”, diz Edio Chapla, presidente do Sindicato Rural de Marechal Cândido Rondon.

Em Cascavel, maior cidade do Oeste do Paraná, o clima também é de preocupação com uma possível escalada das invasões. “Sabemos que Terra Roxa e Guaíra são apenas a ponta do iceberg, todos temos que nos mobilizar para acabarmos com essa falta de segurança”, problematiza o presidente do Sindicato Rural de Cascavel, Paulo Orso. “Vejo com muita preocupação a consequência de uma fuga de investimentos na Região Oeste. Como um investidor vai sair de um polo seguro para vir fazer qualquer industrialização aqui, tendo risco de áreas serem invadidas e desapropriadas”, questiona.

“Uma situação como essa nunca é tranquila. Esse trânsito de pessoas sempre traz um risco”

Rafael Gonçalves Dias,
chefe do Departamento de
Saúde Animal da Adapar

Risco sanitário

Também há preocupação em relação aos aspectos sanitários. As maiores preocupações dizem respeito ao controle interestadual de máquinas agrícolas, à execução do Programa Nacional de Controle da Ferrugem Asiática da Soja e ao controle da praga *Amaranthus palmeri* – ou caruru palmeira. O Sistema FAEP tem atuado em consonância com a Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar) de forma preventiva, para manter o controle de pragas e doenças em lavouras do Estado. Tudo isso por meio de uma série de ações, que vão de práticas educativas a fiscalização.

“A execução dessas ações certamente seria prejudicada em áreas de ocupação indígena, que não contam com acompanhamento técnico adequado, especialmente as posicionadas em área de fronteira, mais suscetíveis para disseminação de pragas e doenças, exigindo atuação redobrada dos serviços de fiscalização estadual e federal”, destaca a nota técnica do DTE.

O setor produtivo também aponta preocupações em relação à sanidade animal. Em 2021, o Paraná conquistou o reconhecimento internacional de área livre de febre aftosa sem vacinação, resultado de ações realizadas ao longo de mais de 50 anos. A manutenção desse status sanitário depende de inúmeros controles auditáveis que demonstram qualidade, rastreabilidade e segurança em todas as criações animais. Essa excelência reflete a magnitude da produção estadual: o Paraná é o maior produtor de frangos de corte e de tilápia e segundo maior produtor de suínos e de leite do país.

A onda de invasões colocou o sistema de vigilância e de fiscalização da Adapar em alerta. Segundo o chefe do Departamento de Saúde Animal do órgão estadual, Rafael Gonçal-

Aviários em Terra Roxa ficam a menos de 1 km de uma das invasões indígenas

ves Dias, equipes da agência foram às propriedades invadidas e deflagraram uma ação de fiscalização. Segundo o dirigente, não foram detectadas irregularidades, mas a Adapar deve intensificar a vigilância, fazendo vistorias periódicas nas áreas.

“Não há indícios de que houve entrada de animais. De qualquer forma, as propriedades estão e continuarão no nosso radar, com ações periódicas. A situação está controlada, com agentes fiscalizando”, afirma Dias. “De todo modo, uma situação como essa nunca é tranquila, principalmente porque envolve cidadãos que vêm de outros países. Esse trânsito de pessoas sempre traz um risco. É um ponto de atenção em que estamos focados”, aponta.

“Tudo está paralisado. Quem vai investir e se instalar em uma região com todos esses problemas e com toda essa insegurança jurídica?”

Silvanir Rosset,
presidente do Sindicato Rural de Guaíra

2023

(abril)

Diante da insegurança no campo, o **Sistema FAEP** disponibiliza um material, com uma série de recomendações, para orientar os produtores rurais sobre o risco de invasões de propriedades e como proceder no caso de uma ocorrência.

(outubro)

Deputados e senadores lançam a Frente Parlamentar Invasão Zero, iniciativa que se contrapõe ao veto ao Marco Temporal, recém-aprovado pelo Congresso, e defende o direito à propriedade. O lançamento ocorreu em solenidade realizada na sede da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), em Brasília, com participação do presidente do **Sistema FAEP**, Ágide Meneguette.

2024

(janeiro)

Um grupo de supostos indígenas invade uma propriedade rural em Guaíra, utilizando de violência contra uma família de produtores. Um produtor foi sequestrado e seus familiares ameaçados.

(fevereiro)

Mais um produtor de Guaíra tem a propriedade invadida. Ele é surpreendido por quatro supostos indígenas que o amarram e o agridem. Sua propriedade fica a 600 metros de distância de outra área de invasão. O **Sistema FAEP** condena o ato de violência.

(junho)

Uma propriedade rural de Sapopema, na região Norte, foi invadida por 40 pessoas. No dia seguinte, equipes da Polícia Militar do Paraná realizaram a desocupação do imóvel. Diante da situação, o **Sistema FAEP** parabeniza a rápida atuação da PM.

(julho)

Um grupo de supostos indígenas invade uma propriedade no município de Terra Roxa.

Dias depois, em Guaíra. Um grupo de 30 indígenas invade outra propriedade rural com uso de violência contra produtores. O **Sistema FAEP** condena publicamente as invasões.

(julho)

A Polícia Federal realiza o cumprimento de oito intimações expedidas pela 2ª Vara da Justiça Federal de Umuarama, para que os indígenas, que ocupam diversas áreas em litígio judicial na região Oeste do Paraná, as desocupassem voluntariamente, no prazo de dez dias.

(julho)

Organizada pelo **Sistema FAEP**, centenas de produtores e lideranças rurais, além de membros da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), se reúnem em Guaíra para discutir as consequências das invasões de terra na região e as alternativas para garantir a segurança física e jurídica dos produtores e suas famílias.

O **Sistema FAEP** pede intervenção estadual e federal nas invasões no Oeste do Paraná.



Audiência Pública em Guairá reuniu produtores e políticos para cobrar medidas efetivas contra a invasão de terras

Setor produtivo cobra medidas

Com a ocorrência das invasões em julho, o Sistema FAEP elevou o tom, cobrando intervenção dos governos estadual e federal nos episódios. O presidente interino da entidade, Ágide Eduardo Meneguette, cobra ações enérgicas por parte do poder público.

“A passividade do poder público em controlar as invasões tem servido de incentivo para que novos grupos se formem. O Sistema FAEP pede ações imediatas dos governos estadual e federal para que a questão da invasão de terras no Paraná, principalmente na região Oeste, termine definitivamente. Caso nada seja feito, caminharemos para uma situação preocupante, com a escalada de invasões e, até mesmo, violência”, diz Meneguette.

Em 23 de julho, o Sistema FAEP participou de uma reunião promovida em Guairá, em parceria com a Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) e com sindicatos rurais da região. O encontro mobilizou mais de 150 agricultores e pecuaristas da região Oeste, e contou com as presenças de deputados estaduais e federais, como Sérgio Souza e Pedro Lupion, que preside a FPA. O clima entre os agricultores e pecuaristas é de cobrança para que o poder público tenha medidas efetivas para resolver a questão.

“Estamos discutindo essa situação desde 2008 e o Sistema FAEP sempre vem dando suporte jurídico. Essa ação pode trazer resultados para o Brasil inteiro”, observou Mar Sakashita, diretor do Sistema FAEP e presidente do Sindicato Rural de Mariluz.

“A nosso ver, não é possível permitir ou cogitar qualquer negociação enquanto houver propriedades invadidas. É necessário que essas áreas sejam restituídas aos produtores para que aí, eventualmente, se possa iniciar o processo de discussão de compra de terras para realocação de indígenas, de reassentamento de produtores. Isso depende dessa liberação das propriedades para se ter segurança jurídica”, destaca o advogado Gustavo Passarelli, que acompanha o caso a pedido do Sistema FAEP.

ATUAÇÃO

SISTEMA FAEP



Pedro Lupion, presidente da FPA, discursa ao lado de outros deputados e autoridades



Clima entre produtores é de revolta com o poder público pela falta de soluções para o problema das invasões



Erminio Vendruscolo teve sua terra invadida em 2011



Proprietário está impedido de cultivar 25 hectares da sua área

Invasões são problemas antigos

As invasões de novas propriedades, a partir do fim do ano passado, fizeram o problema ganhar espaço no noticiário. Porém, a ocupação de terras agrícolas é um problema recorrente, há mais de 15 anos, no cotidiano dos produtores rurais de Guairá e Terra Roxa.

O pioneiro Erminio Vendruscolo, de 83 anos, tem propriedades rurais em Guairá desde os anos 1960. Ele teve sua área de 80 hectares invadida em 2011. Desde então, Vendruscolo foi obrigado a conviver com os invasores e, mais do que isso, por determinação judicial, deixar de cultivar uma área de 25 hectares no entorno da ocupação.

“Vivi 50 anos da minha vida feliz em Guairá. Hoje, com 83 anos, vivo triste de ver as condições da terra que eu sonhei, trabalhei e ajudei a construir. Sou empresário até hoje, fui político por 12 anos como vereador e quatro anos como vice-prefeito. Servi o Exército, fiz muita coisa por Guairá em todos esses anos. Hoje, que deveria ter alguma coisa, nem da terra a gente tem o direito garantido”, lamenta Vendruscolo.

Memória do Campo



Contra invasões

Oito anos atrás, em abril de 2016, o campo vivia sob ameaça de uma nova onda de invasões, no chamado “Abril Vermelho” – série de mobilizações conduzidas pelo Movimento dos Sem Terra (MST). Na ocasião, as ameaças contra o setor produtivo foram feitas em pleno Palácio do Planalto, em Brasília, em discurso do então secretário de Finanças e Administração da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), Aristides Veras dos Santos.

O episódio foi tema de capa da edição 1340 da revista **Boletim Informativo**. A publicação também deu destaque às reações dos produtores rurais. O Sistema FAEP classificou o discurso de Santos como “uma chamada ao crime”. “Invadir propriedades rurais, seja por qualquer motivo – para exigir sua desapropriação ou para criar fatos políticos – é uma ilegalidade que não pode ser tolerada e exige das autoridades uma ação pronta e rigorosa”, consta da nota oficial divulgada pela entidade, na época.

Ao longo de sua manifestação, o Sistema FAEP reiterou o caráter político das invasões. “Querem colocar fogo no país para evitar que haja mudanças políticas”, dizia a nota. Na ocasião, o país passava por um momento conturbado, com o aumento da pressão pelo impeachment da então presidente Dilma Rousseff (PT). Meses depois, em agosto de 2016, ela foi deposta.

Dia do agricultor



Parabéns

28 de julho

Ser agricultor é ter que se superar a cada novo dia

SISTEMA FAEP



Comemorações do Dia do Agricultor

No dia 28 de julho ocorreu a comemoração do Dia do Agricultor. Em diversas regiões do Paraná, sindicatos rurais realizaram festividades para marcar a data, com a participação de milhares de produtores rurais. Muitas das comemorações contaram com apoio do Sistema FAEP, que também parabenizou os agricultores. Confira algumas imagens dos eventos realizados pelas entidades rurais.



Sindicato Rural de Iporã



Sindicato Rural de Laranjeiras do Sul



Sindicato Rural da Lapa



Sindicato Rural de Londrina



Sindicato Rural de Campo Largo



Sindicato Rural de Guarapuava



Sindicato Rural de Mariluz



Sindicato Rural de Palotina



Sindicato Rural de Bituruna



Sindicato Rural de Guamiranga



Sindicato Rural de São José dos Pinhais



Sindicato Rural de Tibagi

A produtora Lígia Jung conta que na propriedade da família, as abelhas sempre conviveram com a produção de grãos

Convivência entre soja e abelhas garante aumento de produtividade

Relação entre sojicultura e apicultura traz benefícios para ambas as atividades. Mas algumas regras para o convívio harmônico são importantes

Por André Amorim

Na propriedade da família da agricultora e apicultora Lígia Mara Jung, em Floresta, na região Noroeste, abelhas e grãos sempre conviveram em harmonia. “Desde a época em que meu pai era pequeno, tinha abelha no meio do café”, conta. O segredo da coexistência entre lavouras e colmeias é o respeito. “Meu pai usava BHC [composto banido da agricultura brasileira nos anos 1980], canhão de pulverização, venenos fortíssimos, mas sempre tomava uma série de cuidados para não prejudicar as abelhas. Não aplicava quando tinha vento, nem nos locais onde elas poderiam estar”, explica.

Aquilo que o pai de Lígia praticava de forma intuitiva está se transformando em um protocolo de boas práticas para a convivência entre sojicultores e apicultores, por meio de uma

parceria entre a multinacional da área química Basf e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). “Estamos com um projeto para validar o que foi descoberto e transformar esse conhecimento em um protocolo que seja utilizado por apicultores e sojicultores”, detalha o pesquisador da Embrapa Soja, Decio Gazzoni.

O projeto, que começou em 2022 com previsão de ir até 2025, envolve produtores do Paraná, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul. A proposta é, a partir de um protocolo de boas práticas agrícolas e apícolas, utilizar grupos de apicultores com até cinco apiários e de sojicultores que estejam próximos a essas colmeias, para comprovar se o desenvolvimento destas duas atividades em espaços integrados pode ser positivo.

“Todos esses anos de trabalho mostraram algumas práticas agrícolas, apícolas e de comunicação, que agora estamos testando”, conta Gazzoni. Segundo o pesquisador, a relação entre colmeias e lavouras da oleaginosa pode trazer benefícios para ambas as atividades se houver boa convivência. “É possível uma relação de ganha-ganha. A soja é um bom pasto apícola, que pode aumentar a produção de mel. Já o sojicultor tem um aumento na produção quando há apiários por perto”, revela.

De acordo com o pesquisador da Embrapa, os apicultores conseguem retirar até 30 quilos de mel por caixa durante a florada da soja. Essa quantidade é 63% maior em relação à média brasileira (19 quilos por ano). Do outro lado da cerca, a produtividade da soja é incrementada em cerca de 13% quando existe a presença de abelhas polinizando a lavoura. “Isso sem incremento no custo de produção”, destaca Gazzoni.

Esse ganho sempre esteve no radar do pai da produtora do município de Floresta. “Ele sempre falava que a produção de soja ao redor do apiário era melhor”, conta Lígia. Apesar de praticar a apicultura há tempos, somente depois que a soja ganhou espaço na propriedade que a produção de mel se tornou um negócio. “A vida inteira teve a apicultura junto com as culturas agrícolas. Até a década de 1990, o mel era só para consumo próprio. Nos anos seguintes houve necessidade de vender o excedente”, relata a produtora que, no ano passado, produziu uma tonelada do produto.

Hoje, a propriedade conta com 90 colmeias. A quantidade já foi maior, mas ocorreu perda por conta da deriva de agroquímicos de uma aplicação aérea inadequada de um vizinho. “No ano anterior [à pulverização] havíamos colhido duas toneladas de mel e, no ano seguinte, apenas 30 quilos”, recorda. O agroquímico despejado de avião também dizimou totalmente a criação de abelhas nativas de outra área próxima.

Após as ocorrências, diversos órgãos como a Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar) e o Ministério Público passaram a fiscalizar a atividade. “O pessoal teve que entender que existem normas para pulverização aérea”, recorda. Após esse episódio, segundo Lígia, esse tipo de aplicação deixou de ser comum na região.

Ibama restringe uso de produto nocivo às abelhas

Em dezembro de 2023, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente de Recursos Naturais Renováveis (Ibama) restringiu o uso do Fipronil, presente em diversas marcas de agroquímicos utilizados na agricultura. A medida busca evitar a mortandade de abelhas, uma vez que o produto apresenta efeitos adversos ao inseto polinizador. Desta forma, está proibida a aplicação aérea, foliar e durante o período de floração, sob o risco de incidir em crime ambiental. Apenas está autorizado o uso do Fipronil para aplicação no solo e no tratamento de sementes.

Difusão da informação colabora para evitar dissabores

Apesar de as boas práticas serem conhecidas pela maioria dos produtores, é preciso reforçar a difusão das informações para evitar contratempos. Uma das chaves para este entendimento é a comunicação. “Precisamos dar uma chacoalhada nas pessoas. Se o agricultor entender que aquela abelha vai ajudar a produzir mais sem ele perder nada, já vai ser fenomenal”, acredita a produtora Lígia Mara Jung, participante do projeto conjunto da Embrapa e Basf no Paraná. “Os dois lados devem estar em conversa permanente. O apicultor deve dizer onde estão suas caixas e o agricultor deve avisar com, ao menos 48 horas de antecedência, que pretende fazer uma aplicação. Assim dá tempo de o apicultor fechar ou cobrir as caixas”, observa o pesquisador da Embrapa Soja, Decio Gazzoni.

Outras recomendações envolvem as técnicas de aplicação, como não realizar pela manhã, quando as abelhas estão na lavoura, ou promover intervenções com agroquímicos apenas quando a densidade populacional de pragas atinge o nível de dano econômico (confira as dicas no quadro da página 16). “Além disso, evitar utilizar defensivos nas três semanas da floração de soja. Até porque nesse período não tem mais as pragas nos estágios vegetativo [da planta] e reprodutivo”, indica Gazzoni.

O pesquisador da Embrapa Soja lembra que, além de ser um importante indicador de saúde ambiental, a preservação das abelhas também repercute junto a parceiros comerciais e clientes internacionais. “Esse cuidado com as abelhas é uma pauta importante para os países que importam nossa soja. Notícias de que nós estamos protegendo as abelhas fazem parte do currículo de bom comportamento do produtor e melhoram a nossa imagem”, afirma.



LIVRO

Baixe gratuitamente o PDF do livro "Soja e abelhas", do pesquisador Decio Luiz Gazzoni

Cursos do Sistema FAEP colaboram para a integração das atividades

O roteiro para a boa convivência entre lavouras de soja e colmeias de abelhas tem contribuição direta dos cursos do Sistema FAEP. Alguns dos mais de 250 títulos do catálogo da entidade elencam práticas necessárias para que estas duas atividades (produção de grãos e apicultura) encontrem um equilíbrio que traga benefícios.

Na área de apicultura existem três títulos disponíveis. Na capacitação "Apicultura básica", com 32 horas de duração, o participante aprende os fundamentos para produção de mel, própolis, cera e geleia real, seja com viés comercial ou apenas para lazer. Outra formação nesta área é a "Apicultura avançado – produção de rainhas e própolis", com carga horária de 40 horas, voltada aos produtores que pretendem aprimorar sua produção. Também há uma formação voltada àqueles que pretendem criar abelhas nativas. O curso "Abelhas sem ferrão", com 24 horas, fomenta a criação de meliponídeos, além da necessidade da atuação destes insetos na manutenção do equilíbrio biológico dos biomas brasileiros e na preservação de diversas espécies vegetais.

Do outro lado da cerca, o Sistema FAEP oferece conhecimento de qualidade para produtores de grãos que pretendem causar menos impacto no meio ambiente (e ter mais economia no uso de insumos). Trata-se dos cursos na área de Manejo Integrado de Pragas (MIP): MIP Soja, MIP Milho e MIP Trigo. O MIP prevê o uso racional de agroquímicos, utilizados somente quando as pragas atingem nível de dano econômico. Até lá, os próprios organismos presentes na lavoura, como outros insetos predadores, se encarregam de controlar estas pragas. Além de conduzir uma lavoura mais saudável e equilibrada, o usuário do MIP gasta menos com agroquímicos, uma vez que aplica somente quando precisa.

Todos os cursos do Sistema FAEP podem ser encontrados no site sistemafaep.org.br, na seção de cursos SENAR-PR.

NOTAS

Ações entre IAT e Sistema FAEP

No dia 25 de julho, o presidente interino do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette, e a técnica do Departamento Técnico e Econômico (DTE) da entidade Carla Beck se reuniram com o presidente do Instituto Água e Terra (IAT), José Luiz Scroccaro, na sede do órgão estadual, para debater temas ambientais de interesse dos produtores rurais paranaenses. Por meio de ações entre as duas entidades, a expectativa é promover uma agropecuária paranaense cada vez mais sustentável.



Fortalecimento em Nova Esperança

O tesoureiro do Sindicato Rural de Nova Esperança, Tohoru Furukawa, esteve na sede do Sistema FAEP, dia 25 de julho, para uma visita de cortesia ao presidente interino da entidade, Ágide Eduardo Meneguette, com participação do coordenador do Departamento Sindical, João Lázaro Pires. Na ocasião, ações para fortalecimento da entidade local, com apoio do Sistema FAEP, foram discutidas.

Treinamento sobre contratos

Durante o mês de julho, o Sistema FAEP realizou treinamento sobre contratos agrários em diversas regiões do Paraná. Conduzido pelo técnico do Departamento Jurídico do Sistema FAEP, Eleutério Czornei, a atividade reuniu 107 colaboradores de 76 sindicatos rurais para habilitá-los para a elaboração de contratos agrários de arrendamento e parceria e a discussão sobre as possíveis implicações trabalhistas, previdenciárias e tributárias de um contrato. O treinamento ocorreu em Assis Chateaubriand, Curitiba, Guarapuava, Ibiporã, Maringá e Pato Branco.



Programa Cidadania Rural

Recentemente, o Senar Nacional e a coordenação de educação previdenciária do Instituto do Seguro Social (INSS) elaboram novos conteúdos relacionados ao Programa Cidadania Rural, com o objetivo de fomentar ações. Os novos materiais incluem folders, cartilha, áudios e vídeos. Todos os materiais estão disponíveis gratuitamente no site cnabrazil.org.br, na seção Arrecadação.

Dicas para boa convivência entre sojicultores e apicultores

Da parte do agricultor

- Informe os apicultores vizinhos com antecedência de 48 horas que pretende fazer uma aplicação de defensivos;
- Não aplique defensivos pela manhã (momento em que as abelhas visitam as lavouras);
- Não realize aplicações durante a florada da soja;
- Não faça aplicações se houver vento;
- Verifique se os equipamentos de aplicação estão em boas condições.

Da parte do apicultor

- Coloque as caixas a uma distância de pelo menos 50 metros da lavoura;
- Não instale os apiários na direção do vento dominante;
- Mantenha as caixas a uma distância de 500 metros das áreas de trânsito de pessoas ou animais para evitar acidentes;
- Mantenha no máximo três apiários por hectare para não acirrar a competição entre as abelhas.

Fonte: Embrapa Soja

Alunos do Sistema FAEP atendem ocorrência real de incêndio em Sapopema

Instrutor e oito participantes do curso “Brigada de incêndio” atuaram no combate ao fogo em uma residência do município



De forma inesperada, uma turma do curso “Brigada de incêndio”, do Sistema FAEP, concluiu a capacitação em Sapopema, no Norte Pioneiro do Paraná. No dia 18 de julho, enquanto se preparavam para as atividades práticas, uma fumaça no céu chamou a atenção dos alunos. Não demorou para que a turma fosse notificada sobre a ocorrência de um incêndio em uma residência próxima ao local da capacitação. O Corpo de Bombeiros mais próximo de Sapopema fica a 75 quilômetros.

“Quando chegamos, percebemos que o incêndio já estava avançado. Juntamos os equipamentos de combate e solicitamos apoio para a Defesa Civil, que nos mandou um caminhão-pipa. Não conseguimos salvar o patrimônio, mas felizmente não houve vítimas”, conta o instrutor Claudio Ribeiro Lessa, que atuou no combate ao incêndio com mais oito alunos.

Segundo o instrutor, apenas uma pessoa residia no imóvel afetado pelo incêndio, mas não estava em casa no momento do incidente. A equipe, então, aplicou as técnicas de combate ao fogo aprendidas no curso do Sistema FAEP. Com o fim do incêndio, eles fizeram o rescaldo da área, uma técnica de resfriamento e eliminação dos focos remanescentes que possam reacender as chamas. A turma também realizou a avaliação da situação pós-incêndio, certificando-se de que não havia risco de desabamento e/ou de possíveis vítimas.

Apesar de ter experiência prévia com resgates, o aluno Rogério dos Santos Ponce nunca havia lidado com uma ocorrência no meio de um treinamento. “Já tinha feito outros dois cursos de brigada de incêndio e um de bombeiro civil. Como tenho mais experiência, foi tranquilo. Para os outros meninos foi mais difícil, pois ainda não estão acostumados com a adrenalina da situação. Mas todos se saíram muito bem por causa da instrução que recebemos no curso”, conta Ponce, que é motorista da prefeitura e atua como voluntário na Defesa Civil há dois anos.

Diante dessa ocorrência, o instrutor Claudio, especialista em segurança do trabalho há 25 anos, destaca a importância de os municípios promoverem treinamentos de primeiros socorros e de brigada de incêndio para a população, especialmente quando não há Corpo de Bombeiros no município.

“No Paraná, temos Corpos de Bombeiros alocados em distâncias consideráveis de algumas cidades. Até o deslocamento, o incêndio pode tomar uma proporção grande em poucos minutos. Quando temos uma equipe preparada para realizar esse tipo de atendimento, diminui o tempo de resposta para salvar o patrimônio e, principalmente, vidas”, aponta.



Visita institucional à CNA

No dia 29 de julho, uma comitiva do Sistema FAEP esteve em Brasília para uma visita institucional à CNA. Na ocasião, o presidente interino do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette, e o diretor-geral do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural, Daniel Carrara, alinharam futuras ações em prol dos produtores e trabalhadores rurais do Paraná, principalmente a Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), mais recente serviço gratuito ofertado pelo Sistema FAEP.



Piracanjuba no Paraná

A diretoria do Sistema FAEP recebeu, no dia 1º de agosto, o superintendente da Piracanjuba, Cesar Helou, e diretores da empresa para uma reunião visando uma futura parceria. A Piracanjuba está construindo a maior fábrica de queijos do Brasil em São Jorge D'Oeste, na região Sudoeste do Paraná. Por conta disso, será necessário buscar pecuaristas que possam entregar leite de qualidade para a produção do produto lácteo.

Live sobre o clima

O Sistema FAEP vai promover, no dia 20 de agosto, às 9 horas, a live “Panorama climático em ano de *La Niña*”, para os produtores rurais. Na ocasião, o coordenador do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), Marcelo Enrique Seluchi, vai apresentar um cenário das mudanças climáticas, envolvendo chuva, temperatura e eventos extremos, por conta do *La Niña*, para os próximos anos e décadas. A live será transmitida no canal do Youtube do Sistema FAEP.

Ideathon em Guarapuava

O Sistema FAEP vai promover a terceira edição do Ideathon em 2024, no dia 28 de agosto, em Guarapuava. Como parte da programação do InovaçãoAgro, o Ideathon vai reunir alunos dos colégios agrícolas da região para dinâmicas visando a resolução de problemas e desafios comuns dos produtores rurais. O evento do Sistema FAEP já ocorrer este ano nos municípios da Lapa e Campo Mourão. Mais informação no site sistemafaep.org.br.

Inscrições do Agrinho

As categorias tradicionais do Concurso Agrinho estão com as inscrições abertas desde 1º de agosto até o dia 20 do mesmo mês, no site sistemafaep.org.br. Os alunos e professores das redes pública e particular já podem inscrever seus trabalhos nas categorias: Desenho 1º Ano; Redação 2º a 9º ano, Experiência Pedagógica, Escola Agrinho e Municípios Agrinho. Além disso, os alunos da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) podem fazer a inscrição na categoria Desenho.

O RONCO DO “BUGIO”

Reconhecido como patrimônio imaterial do Rio Grande do Sul, o ritmo “bugio” nasceu de uma tentativa de imitar o som emitido pelo animal com o fole do acordeon

Quem já foi em um fandango ou baile de temática gaúcha, obrigatoriamente já ouviu, e talvez até dançou, um “bugio”. São músicas de ritmo cadenciado, que dão um certo descanso no ritmo de dança dos peões e prendas de músicas mais rápidas, como vaneirão, chamamé ou rancheira. As letras dos bugios são divertidas e sempre se referem a um personagem matreiro, aprontador, que rouba comida, pertences da casa das pessoas e faz suas estripulias antes de correr e se esconder “no fole da gaita”.

Esse ritmo obrigatório nas festas gaúchas é tão importante que há um movimento no Rio Grande do Sul para torná-lo “Patrimônio da Cultura Imaterial”. Afinal, trata-se de uma manifestação musical genuinamente gaúcha. Claro que não poderia faltar uma polêmica em torno da sua origem. Dois municípios disputam, há décadas, o título de berço do “bugio”: São Francisco de Assis e São Francisco de Paula.

A importância do ritmo, no entanto, transcendeu a disputa e uniu o povo do Rio Grande do Sul no apoio ao reconhecimento como patrimônio cultural. Para sustentar essa honraria a ser conquistada junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), há diversas correntes de estudo que buscam recontar a história do ritmo. A versão unânime é que o balanço do fole da gaita, nessas músicas, tenta imitar o barulho de um animal: o bugio.

O bugio bicho é um mamífero muito presente no Rio Grande do Sul. Se é ameaçado, ele usa como tática de defesa jogar suas próprias fezes no “inimigo”. Emite um som grave, que lembra um ronco. De nome científico *Alouatta guariba clamitans*, da família *Atelidae*, o animal vive, em média, de 15 a 20 anos, medindo de 55 a 91 centímetros de comprimento. Há duas variações deles: bugio-preto e ruivo.

Em um texto publicado no Jornal do Comércio, o jornalista e especialista em música João Vicente Ribas especula teorias da origem do bugio ritmo. Algumas histórias envolvem tropeiros imitando o ronco do bugio com a gaita, enquanto outras valorizam a dança indígena que tenta imitar o seu

andar. O pesquisador enfatiza que recentemente surgiram teses que associam o ritmo até a origem caipiras e uma similaridade com a célula rítmica de músicas tocadas na viola caipira.

O fato é que o bugio como conhecido hoje ganhou notoriedade no cenário musical em 1956, quando o grupo musical Irmãos Bertussi foi ao Rio de Janeiro e gravou a música “O Casamento da Doralícia”. No disco, há um texto que dá uma pista do papel que o ritmo ocupa na cultura gaúcha: “O Casamento da Doralícia – Bugio – conto gauchesco de Honeyde Bertussi e música também colhida do folclore. Bugio é um samba ritmado caracterizado pelo jogo de fole do gaiteiro. O passo da dança é de acordo com o movimento do fole”.

Após a gravação, o líder Adelar Bertussi espalhava aos quatro ventos que o bugio virou moda no Rio Grande do Sul e que o ritmo era nativo indígena. “A tribo dos kaingang aqui dançavam bugio a madrugada inteira”, disse em registro em vídeo em 2016, pouco antes de falecer. “[Antigamente], era proibido nos bailes aqui em cima [da Serra Gaúcha] dançar a dança do bugio”, recordou.

De lá para cá, inúmeros grupos gravaram bugios, fazendo a história do ritmo se perpetuar. Entre os mais famosos: Os Serranos, Os Monarcas e Porca Veia, que conseguiram emplacar sucessos que até saíram da bolha da música tradicionalista, como “Bugio do Rio Grande” e “Bugio da Fronteira”, da primeira banda; “Bugio Vinagre” e “Bugio do Fole Solto”, da segunda; e “Balanço do Bugio”, do terceiro artista.

Atualmente, o Rio Grande do Sul vive uma mobilização e uma expectativa para que o bugio, assim como já aconteceu com o forró do Nordeste, seja reconhecimento nacionalmente como patrimônio cultural. Assim, poderá fazer companhia a outro elemento fundamental da cultura gaúcha, que já tem esse reconhecimento, a erva-mate. Em breve, provavelmente, chimarrão e bugio poderão montar uma roda de mate e fandango para celebrar a cultura gaúcha.

Trecho da letra do Bugio do Rio Grande (Os Serranos)

“Quando toca o bugio no fandango
Se misturam gaúchos, chimangos
E maragatos no mesmo candeeiro
O jeitão do macaco pampeano
E que a dança balança e expande
Alegria de noite e de dia
Pra quem dança o bugio do Rio Grande”



Lista dos maiores mobilizadores de cursos tem quatro novos sindicatos

“Novatos” no ranking apontam estratégias para levar mais capacitações do Sistema FAEP para produtores e trabalhadores rurais

Mais uma vez, em 2023, os sindicatos rurais do Paraná cumpriram a missão de atuar como agentes de transformação no campo. Em um cenário de constantes desafios e inovações, juntas, as entidades promoveram 8.695 cursos do Sistema FAEP ao longo do ano passado: aumento de 14,5% em relação a 2022. E as estratégias para divulgar as capacitações e sensibilizar os produtores e trabalhadores a frequentá-las são das mais diversas: do uso de recursos digitais ao velho “boca a boca”; de parcerias com entidades e empresas ao atendimento personalizado. Tudo para levar conhecimento e atualização ao elo mais importante da cadeia produtiva do setor.

O ranking dos dez sindicatos rurais que mais mobilizaram cursos do Sistema FAEP passou a ter quatro novos expoentes: Irati (5º lugar), Nova Londrina (7º), Cornélio Procópio (8º) e Cascavel (9º). Agora liderada pelo Sindicato Rural de Cianorte – que promoveu 204 capacitações em 2023 –, a lista traz outras cinco entidades que também já figuravam no “Top 10” com base nos números de 2022. Juntos, esses dez sindicatos levaram a campo mais de 1,5 mil cursos – o equivalente a 18% do total de capacitações ofertadas pelo Sistema FAEP no ano passado (veja o ranking na página 24).

“O setor agropecuário tem passado por uma transformação. Esse movimento evidencia ainda mais a necessidade de o produtor rural e o trabalhador se atualizarem e se capacitarem. Para isso, não temos poupado recursos e esforços para levar conhecimento ao campo, independentemente da atividade agropecuária ou da cadeia produtiva”, ressalta o presidente interino do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette. “Cada sindicato rural deve adotar as estratégias mais adequadas para levar os cursos aos produtores, considerando as particularidades locais. O importante é que as capacitações continuem chegando a quem precisa”, destaca.



8.695

Este é o número de cursos realizados pelo Sistema FAEP ao longo de 2023

A divulgação da lista dos dez sindicatos que mais promoveram cursos não vai no sentido de estabelecer uma competição entre as entidades. O Sistema FAEP destaca que o rol se baseia apenas em aspectos quantitativos. Há, entretanto, outros elementos que influenciam a mobilização de capacitações, como a dimensão dos municípios, a vocação agropecuária da localidade, os tipos de cadeias produtivas estruturadas na região e a presença de agroindústrias no entorno. Por isso, a ideia é que o indicador quantitativo não seja analisado por si só, mas sirva de motivação coletiva.

Foco nas redes

O uso de ferramentas digitais impulsionou a mobilização de cursos do Sistema FAEP em Nova Londrina, no Noroeste do Paraná. Ao longo dos últimos dois anos, o sindicato rural intensificou a utilização do WhatsApp como canal para estreitar o relacionamento com associados e possíveis alunos de capacitações. A entidade mantém uma lista de transmissão com mais de 450 contatos, por meio da qual divulga os treinamentos agendados. Paralelamente, há outro grupo só para os associados. Além disso, o sindicato rural tem ampliado o foco em redes sociais.

Para tornar a comunicação mais atrativa, a equipe do sindicato tem recorrido a artes – ou seja, a postagens com imagens e com as informações destacadas. Além disso, a mobilizadora Tatiane Zampieri Gonçalves Trombeta também tem apostado em vídeos, em que explica detalhes das capacitações. A entidade também incentiva que os frequentadores dos cursos enviem seus depoimentos, como forma de sensibilizar novos participantes.

“A gente não abriu mão do contato pessoal, que continua ocorrendo, mas essas ferramentas digitais fazem com que chegue mais rapidamente ao produtor. É uma estratégia que tem dado muito certo”, diz Tatiane. “A gente inventa algumas modas. Dá brindes ao aluno que mais frequenta curso, pega depoimento dos participantes, grava vídeos. Com isso, temos movimentado e chamado a atenção de produtores que nunca tinham feito curso antes”, acrescenta.



Curso mobilizado em Nova Londrina, um dos novos municípios a entrar para o topo do ranking

Os campeões de cursos

Confira o top 10 dos sindicatos rurais que mais realizaram treinamentos em 2023



18%

das capacitações de 2023 foram ofertadas pelos dez sindicatos no topo do ranking

Em **Cornélio Procópio**, no Norte do Paraná, o uso dos recursos digitais começou a aumentar durante a pandemia do novo coronavírus. Hoje, as redes são parte indispensável da estratégia de mobilização do sindicato rural. O WhatsApp e as redes sociais ajudam a entidade a encurtar as distâncias com os produtores locais e dos seis municípios da extensão de base. “Antes, a divulgação era ‘boca a boca’. Tinha que ligar um por um. Agora, é mais fácil. O produtor já recebe no celular as informações de que precisa”, pontua a mobilizadora Andréa Canário Nunes da Cruz.

Ao longo do último ano, a equipe do sindicato percebeu que “estava falando” mais com os produtores pelo WhatsApp do que pelo Facebook. Hoje, a entidade mantém três grupos principais – um deles, com mais de 600 participantes –, além de outros, menores. A equipe também aposta em postagens atrativas, recorrendo a imagens. Recentemente, a mobilização passou a utilizar a ferramenta do Sistema FAEP, que prepara materiais de divulgação automaticamente, a partir do preenchimento de um formulário básico.

“Nós temos chegado a muito mais gente. Tanto que nos últimos cursos apareceram alunos que nunca tinham vindo ao sindicato. Então, as ferramentas têm uma potência grande”, diz Andréa. “Mas também não dá para abandonar o contato pessoal. Tem produtor que vê a postagem no grupo, mas não se sente convidado. Aí, precisa ligar, manter essa proximidade. O ideal é caminhar junto”, aponta.

Boca a boca

Toda semana, a direção e a equipe do Sindicato Rural de Irati se reúnem para traçar o roteiro e a estratégia de mobilização dos próximos dias. Com base nessas definições, a diretora Carmen Lúcia Soldan Martins, que também é a responsável pela mobilização dos cursos do Sistema FAEP, pega o carro e vai, pessoalmente, às localidades, divulgar os cursos. O contato é personalizado. Há 30 anos trabalhando no sindicato, ela conhece praticamente todos os produtores do município.

“É olho no olho. Eu vou de casa em casa. Se pular uma, o produtor vai se sentir excluído e não volta mais. Tem que ter esse cuidado”, garante Carmen. “Eu procuro ressaltar a importância dos cursos. É um conhecimento que ninguém vai



▶ Mesaque Kecot Veres fala com alunos, em aula inaugural, em Irati

tirar deles. Nossas turmas são sempre cheias. Se tiver um cancelamento [de curso], para mim é morte”, acrescenta a mobilizadora, obstinada.

Presidente do Sindicato Rural de Irati, Mesaque Kecot Veres, destaca que a oferta de treinamentos é uma prioridade. Por isso, quando produtores vão à entidade em busca de algum serviço específico, a equipe está orientada a divulgar as capacitações. “A profissionalização é um elemento fundamental para o fortalecimento do agro. Os cursos do Sistema FAEP são estratégicos, nesse sentido. Além disso, as capacitações ajudam a trazer o produtor para o sistema sindical”, avalia o presidente.

Parcerias

Até por representar produtores em um município maior – com população de 348 mil pessoas –, o Sindicato Rural de Cascavel tem dado ênfase a parcerias diversas, para ofertar cada vez mais cursos a produtores. As parcerias são firmadas com empresas – como concessionárias de tratores e lojas de insumos –, cooperativas, integradoras, colégios agrícolas, universidades e com a própria prefeitura. Esses laços têm trazido um novo público às capacitações.

Além disso, o sindicato realiza uma iniciativa chamada Prosa Rural, em que promove reuniões nas mais variadas comunidades rurais do município. Nessas ocasiões, a entidade tem estimulado os líderes comunitários a ajudarem na mobilização de treinamentos. A partir dessa parceria, a entidade tem ampliado sua capilaridade e, por conseguinte, formado mais turmas, de acordo com as necessidades de cada comunidade.

“A gente tem feito tudo que é tipo de parceria, aumentando o nosso público. Não é só trazer o público para o sindicato, mas levar o sindicato e os cursos onde há demanda, seja nas empresas, nas cooperativas ou nas comunidades. Nós vamos até lá”, explica Paulo Cezar Vallini, diretor-secretário do Sindicato Rural de Cascavel. “Além disso, aproveitamos as instalações e os recursos dos parceiros, para somar esforços e atender bem o nosso público”, conclui.



▶ Cascavel também se destacou pelo volume de cursos levados a campo



Mulheres catapultam participação em cursos

Outro ponto comum na estratégia dos quatro novos sindicatos que passaram a fazer parte do “Top 10” é a importância das mulheres na articulação dos cursos. Em Cascavel, a comissão de mulheres do sindicato – uma das mais antigas do Estado – tem sido determinante em diversos aspectos, inclusive para atrair mais produtoras rurais e familiares para o sistema sindical.

“Nosso núcleo feminino é muito forte. Elas têm ajudado nos treinamentos e têm sido um grande chamariz para novas mulheres ingressarem no sindicato. Elas têm dado um fôlego novo”, aponta Paulo Cezar Vallini.

Em Cornélio Procopio, foram realizadas seis turmas do programa Mulher Atual só no ano passado. Essas capacitações tendem a despertar a autonomia e a participação entre o público feminino. A partir disso, as produtoras intensificaram sua atuação em diversas iniciativas. “Existe um movimento de mulheres em feiras, que passaram a frequentar cursos de turismo rural, que passaram a empreender. Elas também já fundaram um ‘Clube do Livro’ e um programa, chamado ‘Elas por Elas’. Elas participam muito”, conta Andréa Canário Nunes da Cruz.

Irati, por sua vez, já conta com a participação feminina há mais de 20 anos. “A dona Carmen [Martins], é uma diretora que atua há anos”, exemplifica o presidente do sindicato rural, Mesaque Kecot Veres. Ele diz que com a intensificação da participação em cursos, as mulheres estão prestes a fundar a comissão local – o que deve ocorrer em julho. “Elas são participativas, têm um olhar específico”, apontou o dirigente.

Em Nova Londrina não é diferente. O sindicato rural levou a campo cursos que costumam ter participação feminina majoritária, como de turismo rural, básico em mandioca e em milho, derivados de pescado e panificação, além do programa Mulher Atual.

MUDANÇA NA LEGISLAÇÃO

ADA deixa de ser obrigatório para redução do ITR



Resultado do pedido do Sistema FAEP, nova lei beneficia milhares de produtores rurais que possuem áreas ambientais em suas propriedades

Desde o dia 23 de julho, os produtores rurais não precisam mais apresentar o Ato Declaratório Ambiental (ADA) para obter a redução do Imposto Territorial Rural (ITR). Isso somente foi possível após pleito do Sistema FAEP que resultou na Lei 14.932, sancionada pelo presidente da República e publicada no Diário Oficial. Agora, basta o agricultor apresentar o Cadastro Ambiental Rural (CAR) como prova para obter o benefício no ITR.

“Essa medida traz um alívio para os nossos produtores rurais, já que vai facilitar o processo. Nós realizamos esse pleito por entender que o CAR já cumpre esse papel. Ou seja, a nova lei está desburocratizando a vida do agricultor”, destaca o presidente interino do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette.

Anteriormente a nova legislação, agricultores e pecuaristas com áreas ambientais, como Área de Preservação Permanente (APP), Reserva Legal (RL), Servidão Ambiental, entre outras, eram obrigados a apresentar o ADA junto ao Instituto Brasileiro

do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) para conseguir a isenção do imposto.

O processo para a criação da Lei 14.932 levou anos. Após o pleito do Sistema FAEP, o deputado federal Sérgio Souza, ex-presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), pediu a relatoria do Projeto de Lei (PL) 7611/2017, que estava parado na Comissão de Finanças e Tributação (CFT) desde 16 de julho de 2021. Em agosto de 2023, o PL foi aprovado e seguiu para Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), onde Souza também pediu a relatoria. O relatório final foi aprovado em dezembro do ano passado, endossando a criação da lei.

“Uma reivindicação do Sistema FAEP, que encontrou um projeto de lei adormecido na Câmara dos Deputados. Encabecei esse processo para que fosse aprovado e sancionado pelo governo. Agora, definitivamente, o produtor rural não precisa utilizar o ADA para o ITR. Basta o CAR. Isso é um avanço, já que as reservas ambientais já estão todas declaradas no CAR”, destaca o deputado federal Sérgio Souza.





ALTÔNIA

DERIVADOS DE CANA-DE-AÇÚCAR

O instrutor Ricardo Coeli Simões Coelho repassou conhecimento a dez participantes, nos dias 8 e 9 de maio de 2024.



ALVORADA DO SUL

APLICAÇÃO DE AGROTÓXICOS

Entre 29 de abril e 1º de maio, foi realizado o curso para 15 participantes, em parceria com o IDR-Paraná, pelo instrutor Miguel Jorge Wafte Neto.



JUSSARA

COLHEDORA DE CANA-DE-AÇÚCAR

Tendo a Companhia Melhoramentos como parceira, o curso foi ministrado pelo instrutor Sinaldo Alves para 12 participantes, entre os dias 19 e 29 de fevereiro.



MANOEL RIBAS

APLICAÇÃO DE AGROTÓXICOS

Finalizado em 20 de abril, a capacitação foi viabilizada pelo Sindicato Rural de Manoel Ribas, em parceria com a Fazenda Barra Preta. Foram treinados 12 participantes pelo instrutor Jorge Luis Dias Alves.



CAMPINA DA LAGOA

JARDINAGEM

Viabilizado pelo Sindicato Rural de Campina da Lagoa, o curso foi realizado de 4 a 6 de março, pelo instrutor Tibério Pimentel Budal, para 12 participantes.



CIANORTE

ABELHAS SEM FERRÃO

O instrutor Joel de Almeida Schmidt capacitou nove participantes no treinamento realizado entre 10 a 12 de abril.



PALOTINA

PRODUTOS SEM GLUTEN E LACTOSE

Dez participantes foram capacitados pelo instrutor Frederico Leonneo Mahnic, nos dias 10 a 11 de abril.



PARANAGUÁ

CLASSIFICAÇÃO DE GRÃOS

De 6 a 10 de maio, o instrutor Caetano Benassi compartilhou conhecimento com 13 participantes. A capacitação foi realizada em parceria com a COOPANP.



GOIOERÊ

PRIMEIROS SOCORROS

O instrutor Clovis Michelim Biasuz capacitou 13 participantes, nos dias 25 e 26 de março. O curso foi viabilizado em parceria com a prefeitura municipal.



GUARATUBA

DERIVADOS DE PESCADO

No curso encerrado em 28 de março, dez pessoas receberam treinamento do instrutor Frederico Leonneo Mahnic. O treinamento foi realizado em parceria com o Cecager e prefeitura municipal.



PORECATU

EXCEL

Conduzido pelo instrutor Reinaldo Galvão, dez participantes foram capacitados entre 1º e 6 de abril de 2024.



SALGADO FILHO

COMUNICAÇÃO EFICIENTE

Concluído em 13 de abril, o treinamento foi realizado para 11 participantes pela instrutora Vandressa Michele Mackievicz.

VIA RÁPIDA



Conheça os 10 países mais visitados do mundo, em número de turistas por ano

- 1º: França: 79 milhões
- 2º: Espanha: 72 milhões
- 3º: Estados Unidos: 51 milhões
- 4º: Turquia: 50 milhões
- 5º: Itália: 50 milhões
- 6º: México: 38 milhões
- 7º: Reino Unido: 30 milhões
- 8º: Alemanha: 28 milhões
- 9º: Grécia: 28 milhões
- 10º: Áustria: 26 milhões



Obra antiga

Pintada nas paredes da caverna de Leang Tedongnge em Celebes, ilha na Indonésia, esta é a obra de arte mais antiga do mundo conhecida até hoje. A pintura de um javali selvagem em tamanho real foi feita há pelo menos 45 mil anos.



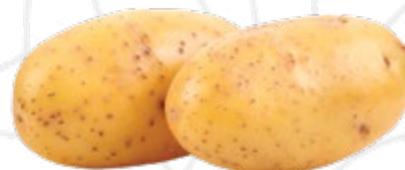
Há 50 anos

A primeira conversa com o recurso de um telefone móvel foi realizada no dia 3 de abril de 1974, pelo engenheiro norte-americano Martin Cooper, apelidado de "pai do telemóvel". Na época, Cooper liderou uma equipe da Motorola para conceber o primeiro telefone celular.



Presidente por três dias

Carlos Luz foi o presidente do Brasil entre 8 e 11 de novembro de 1955. Desta forma, Luz é considerado o político que ocupou a cadeira presidencial por menos tempo: apenas três dias.



Batata marciana

Cientistas realizaram um experimento nas Pampas de la Joya, uma área hiperácida do deserto costeiro do Peru, cujo solo é considerado o mais similar possível de Marte. Os resultados foram promissores. Ou seja, é possível plantar batata no Planeta Vermelho!

FOTO DO CLIMA

Quer ver sua foto do clima publicada no Boletim? É fácil! Basta entrar na seção **Clima**, do site sistemafaep.org.br ou pelo **app** Sistema FAEP.



Foto: Josiane Kacprzak - Nova Aurora, PR

Carro do faraó

Qual a peça de carro que é feita só no Egito?

Os faróis.



Você sabia que em uma pesquisa no Google são usados 1 mil computadores para que a resposta chegue instantaneamente?

Conheça o curso do
Sistema FAEP

AGRO DIGITAL

Por que fazer?

A tecnologia se tornou imprescindível para que produtores rurais possam elaborar projetos e melhorar o gerenciamento de seu negócio, otimizando seus resultados. Esse curso tem como objetivo apresentar as noções básicas de informática, apresentando as principais ferramentas para que você possa utilizar as tecnologias a favor de sua propriedade.



Fique de olho

O curso vai além de simplesmente promover a qualificação profissional e a inclusão digital. É porta de entrada para um novo mundo de aprendizado, repleto de possibilidades. Com ele, você poderá mergulhar de cabeça no ensino a distância, abrindo novos caminhos para o conhecimento.



Outras capacitações

- Excel básico;
- Excel intermediário.



SISTEMA FAEP



Acesse a versão digital deste informativo:

sistemafaep.org.br

• FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 |
Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

• SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 |
Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais



Saiba mais ▼



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
R. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não Procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo
porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ____/____/____

Em ____/____/____

Responsável